

Publica-se nos dias
1 e 15 de cada mês

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XXV Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo N.º 740

Propriedade de: Rev.º Padre António Inglês e dr. Alberto Teixeira Forte
Composto e impresso na Tipografia Figueirense

Director Padre António Inglês
Editor Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Bairro Teófilo Braga
Figueiró dos Vinhos

VEJAMOS OS FACTOS Como eles são

Não. O perigo comunista não é, como tantos agora dizem, mera especulação política para atingir fins de aglutinação mais ou menos internacional. É uma verdade evidente e palpável que se mete pelos olhos dentro e que desafia os mais ingénuos.

O jornal *A Voz*—que tem atrás de si uma larga e honrosa tradição de combate ao barbarismo eslavo—deu-se agora à benemérita e oportuna tarefa de ilucidar o público sobre as manobras dos «amigos da sombra» e sobre a verdadeira causa de certos acontecimentos destinados a lançar a perturbação a desconfiança e o mal-estar na vida portuguesa.

Há dias, ainda, duas importantes reportagens do mais recente manifesto do Partido Comunista Português no qual se afirma e confessa, para que os seus partidários saibam, que o referido e «patriótico» partido é «a alma das oposições democráticas».

E fornece-nos estes esclarecimentos que não deixam de ser preciosos para a Boa-fé dos que se julgavam explorados pelo «maquiavelismo salazarista».

Quando os restos dos Partidos Democráticos se encontravam profundamente divididos, há 14 anos atrás, foi através duma campanha persistente que o P. C. P. conseguiu um entendimento entre eles e mais tarde se organizou a unidade. Dentro do Movimento da Unidade Nacional Anti-Fascista (Munaf) o papel do P. C. tem sido o de um organizador incansável, de aplanar dificuldades, desfazer mal-entendidos, congraciar todos os democratas, todas as energias e todas as vontades, para a luta comum contra o fascismo».

Pertencemos ao número dos que a tempo e horas pediram a melhor atenção do País para o que se andava a manobrar na sombra e para as deploráveis e funestas infiltrações que se estavam a verificar em determinados meios. Pertencemos, igualmente, aos que se revoltaram contra os que apresentavam o comunismo como já civilizado e até baptizado. Disseram-nos, então, que éramos extremistas e tão perniciosos como os que pretendíamos combater. A verdade, porém, triunfou bem mais cedo do que podíamos esperar. As realidades em breve se encarregaram de mostrar a profunda razão que nos assistia. O Partido Comunista Português, armado em verdadeiro agente de interesses estrangeiros, organizavam o combate à Revolução Nacional e procurava lançar o País, novamente, na anarquia, correcta e aumentada, que vigorou até 1926.

Munaf, por um lado, e a Mud juvenil, por outro, tratavam apressadamente de obter as forças que acima se descrevem, desenvolvendo, para tanto, uma intensa e persistente campanha de boatos, de intrigas e de calúnias contra a Revolução e contra os seus homens mais representativos. Digamos sinceramente: essa campanha não chegou a obter acentuados êxitos. E isto porque a ingenuidade de uns e o despeito de outros não conseguiram resistir às tentações que se lhe ofereciam. Mas terminou por ficar vencida porque o País, sábia e orientado pelo génio do Dr. Salazar, soube verificar a tempo de que lado estava a razão.

Como estamos em vésperas de novas eleições os comunistas redobram de actividade. Também nós voltamos a mostrar que precisamos de estar alerta e seguros dos nossos deveres. O perigo comunista existe e está latente a cada hora. Não seremos bons portugueses se a cada hora não o repelirmos e não mantivermos, diante das suas arremetidas audaciosas a nosa melhor e mais firme resistência.

M. A.

Cantina Escolar

Na penúltima «Regeneração» veio publicado um artigo sob a epígrafe *Um alvitre muito de louvar* que eu li sensibilizado e que muito agradeço ao autor dele.

O subscritor do artigo merece as minhas melhores referências, é um figueirense bom e amantíssimo da sua terra e não se esquece dela por um só momento. Deseja o seu progresso, o caminho esplendoroso traçado por esse grande homem e saudoso paladino, Dr. Manuel Simões Barreiros, e está de alma e coração pronto a acariar todas as

Prof. Doutor Hernani Monteiro

A Regeneração honra-se hoje de publicar nas suas colunas umas notas interessantíssimas sobre o amigo dedicado e nunca esquecido benemérito da nossa terra, Mestre Malhoa.

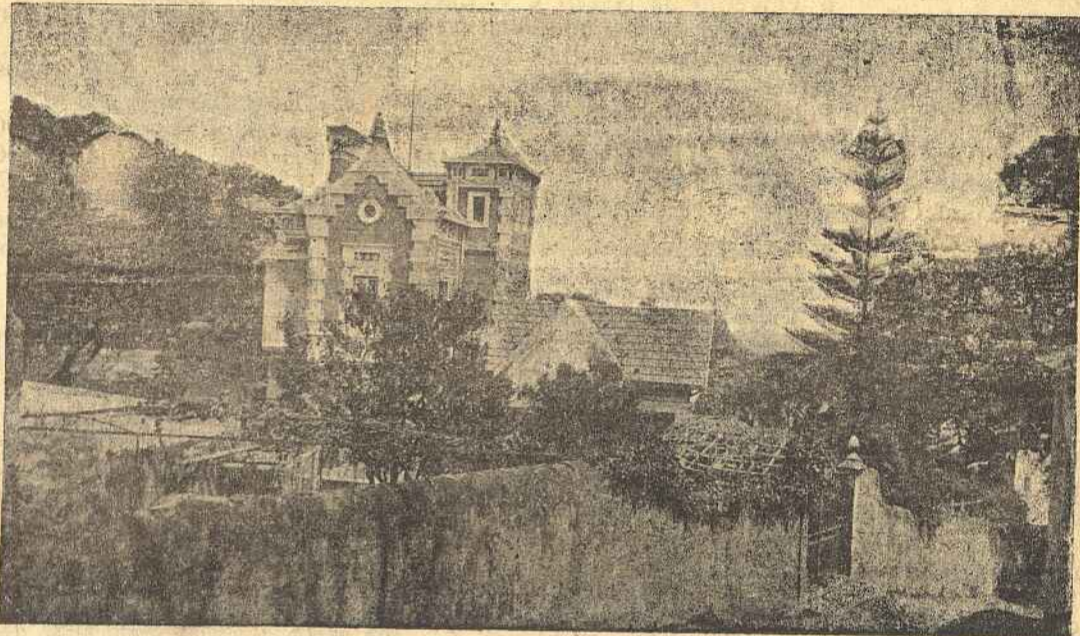
Escreveu-as para uma sessão na Quinta de Cima — Chão de Couce, cedendo-as depois para o nosso jornal o sr. Doutor Hernani Monteiro, Prof. Cateadrático da Faculdade de Medicina do Porto, e também considerado o maior anatomista português.

Para S. Ex.ª vão os nossos melhores agradecimentos pela amável deferencia.

Da Vida e Obra de Mestre Malhoa

pelo prof. Doutor Hernani Monteiro

Palavras lidas, na Sala de Música da Quinta de Cima, na homenagem à Memória do pintor Malhoa, na tarde de 13 de Setembro



No *Diário do Norte* do dia 3 de Setembro, A. F. numa página evocativa da visita que fizera, há anos a José Malhoa no seu *Casulo* florido de Figueiró dos Vinhos, diz que ninguém julgaria que naquêl *ninho de sonho* pudesse viver um *celibatário impenitente*. Enganou-se o ilustre jornalista. Quem ali viveu foi um marido exemplar e, mais tarde, viúvo inconsolável. Efectivamente, o grande Artista conheceu durante anos a felicidade do lar. E abalo tão forte sentiu ao perder a companheira dedicada que tão bem o compreendia, que desfez a sua casa, na Avenida 5 de Outubro, e foi viver noutra, pequena, onde nem sequer tinha, a princípio, atelier para trabalhar.

Estas afirmações colhi-as em fonte segura. Estou hospedado—como de costume nos princípios do mês de Setembro — em Chão de Couce, nesta acolhedora Quinta de Cima. Ora os seus donos ilustres, o dr. Alberto Rego e sua Esposa—que, porventura sem darem por isso, põem em práticas aquela máxima admirável do sábio Carrel que entendia ser nosso dever não apenas amarmos o próximo, mas também, e principalmente, tornarmos-nos dignos de ser amados por ele—muitas vezes receberam na intimidade do seu lar o grande Pintor, cuja Arte e carácter admiravam. O quarto que eu ocupo ainda hoje é conhecido

nesta casa pelo nome de *quarto do senhor Malhoa*, por ser aquele em que o nobre Artista preferia ficar, talvez pela sua situação, num dos extremos do longo corredor, permitir que um amante da Natureza, como ele, mais facilmente saísse, ao romper do sol, sem perturbar o sono dos que dormiam. Gostava de percorrer, ao despontar a manhã, campos e montes perfumados e de lembrar-se na espessura da mata de castanheiros bravos de D. Dinis plantou e é, sem dúvida, uma das belezas desta Quinta, refúgio da *Flor da Altura* quando o povo de Lisboa a perseguia.

Naí continua Malhoa a viver na lembrança fiel e carinhosa de seus donos, que à amizade prestam fervoroso culto, e nos magníficos estudos, desenhos e quadros que enriquecem a *Torre*—biblioteca e escritório do dr. Alberto Rego, de ampla janela rasgada sobre um vasto e luminoso horizonte—e a Sala

(Continua na 4.ª página)

A Jornada do Orfeão Académico

I I — Capas Negras em Angola

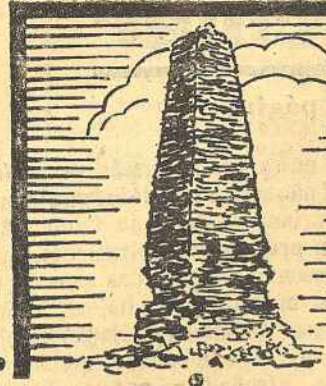
— Não é em vão que um português que deixou no seu *torrão* tudo o que lhe é querido, tudo o que o faz sentir-se acompanhado na vida, a família, os amigos, os seus lugares de reunião habituais, todos os pequenos nada que formam a nossa volta, aquele ciclo mágico e restrito que nos prende a um cantinho da Europa, e vem por aí abaixo seguindo as rotas de quinhentos, a tornear a África, não é em vão que todos nós, cheios de saudades de tudo isso, vimos encontrar a certa altura do nosso caminho—quando já desesperávamos de ver coisas diferentes dos habituais paízes voadores e do lombo lustroso dos tubarões — uma terra

irmã, em tudo semelhante à nossa com o mesmo sentir, as mesmas tradições, a fala igual e uma amizade que por vezes ultrapassa a dos nossos amigos de longa data.

É de facto consolador, reviver, cá longe, a nossa vida de Coimbra, entre estudantes que a deixaram há muitos anos, que nunca serão bastantes para a esquecer e ao seu estranho e encantado sortilégio.

É consolador também, ver tremular ao vento, tanto à beira duma Avenida imponente, num edifício gigantesco, como numa casita típica portuguesa junto à via férrea que atravessa as brenhas intrincadas do interior de África, ro-

(Continua na 4.ª página)



DAQUEM TREVIM

Número 63

Página Regional de Castanheira de Pera

Ano III

Avença

Redigida por Luso & Egas

Colónia de Férias

Como vai longe o tempo em que só os filhos dos ricos podiam gozar das vantagens da estadia junto do mar ou em serras onde o ar puro tonifica os pulmões e desenvolve os corpos e ao mesmo tempo as almas!

Vai longe este tempo, repetimos, e não temos saudades dele, nem do mais que então se passava.

Vem isto a propósito das muitas crianças, filhas de gentes bem pobres, que este ano vimos por essas praias além! Com que alegria elas saltavam e faziam castelos na areia! Era um louvar a Deus!

A maior parte delas ou pelo menos uma grande parte frequenta as Escolas de Portugal, onde os respectivos Professores lhes devem ter explicado o significado do Crucifixo e dos retratos que estão nas suas paredes. E é com orgulho para as gerações pensantes que se verifique que essa explicação encerra uma verdade indestrutível.

Ensina-se às crianças a ter fé em Deus e confiança nos Governantes e são essas mesmas crianças que verificam por si mesmas que não se lhes mente.

Se elas, coitaditas, pudessem já compreender com precisão a diferença que há entre a vida de hoje e a que se passou, o seu contentamento, a sua admiração por quem lhes vai proporcionando tanto bem, seria ainda maior. Mas, para os que não nascendo, são processos de lhes fazer ver o lugar em que estivemos e em que agora estamos graças, a uma governança equilibrada e honesta. E talvez seja melhor assim, porque do mal passar só faz ideia exacta quem por ele tenha andado metido.

Não obstante tudo isto, há ainda deficiências graves na organização das Colónias de Férias, e estamos em crer que o mal não seria difícil de remediar.

Essa grave deficiência é a dificuldade que as crianças das aldeias remotas e longe de Sindicatos ou congéneres têm de ir para as nossas praias. Geralmente as que lá encontramos são das grandes cidades ou das vilas onde existem os organismos a que acima aludimos. Isto, embora seja já muito, é pouco

As crianças dos meios rurais, mesmo onde não haja Casas do Povo, precisam de ir também para fora como as gentes humildes usam dizer. E o que é certo é que não vão. Não se pode estar à espera que os pais dessas crianças tratem de ver se conseguem que seus filhos vão também; infelizmente muita dessa gente dos campos, nem sequer sabe que têm ao seu dispor tão altos benefícios. Que fazer pois? Encarregar os Padres ou Professores ou ainda as Autarquias locais de organizarem grupos de crianças que iriam anualmente fazer um estágio na praia ou onde a sua saúde melhor o aconselhasse.

E então sim, então a coisa seria mais perfeita, mais justa e mais dentro do espírito dos Governantes que nos vão provando que todos nós, ricos e pobres, temos direitos inegáveis pretendendo que todos os portugueses gozem dos benefícios que o País nos oferece tão prodigamente.

E para os encarregados da organização destes grupos de crianças, o trabalho não era muito: consistia em saber quem queria ir e participá-lo depois a quem trata dessas coisas. Não era preciso ir a casa de ninguém: o Padre na Igreja ou na Capela e o professor na Escola, tratavam do assunto em poucos momentos.

Aqui em Castanheira de Pera já muitas crianças vão para a Praia. Têm ido para a Foz do Arelho e outras e só quem ouve o que elas e os pais dizem a tal respeito é que podem avaliar da gratidão que lhes vai na alma, por poderem ir como os filhos dos ricos, passar uns dias fora.

Do nosso concelho, mercê de ser sede dum Sindicato e de ter uma Câmara que por isso se interessa, bastantes crianças beneficiam das deslocações para o mar. E' já alguma coisa mas ainda pouco para o que é preciso. Especialmente é necessário olhar para os filhos dos trabalhadores rurais, até agora os menos beneficiados.

Seja, porém, como for, voltamos a dizer: como se perde já na nebulosidade dum passado pouco glorioso a impossibilidade das nossas crianças

Visconde de Castanheira de Pera

Já se encontram na Praça que tem o seu nome as cantarias para o monumento a erigir a este ilustre Castanheirense, grande impulsionador da industria de lanifícios neste concelho. O local escolhido, quanto a nós, afigura-se-nos não ter sido o mais feliz se imaginarmos que em dia de mercado o monumento ficará rodeado de tudo quanto há para vender, desde as louças de barro, até aos cestos, verduras etc. Em frente dos Paços do Concelho, voltado para quem viesse pela rua dr. Bissaia Barreto ou no local onde em tempo existiu o telheiro da sardinha, dominando a praça que tem o seu nome e para ela voltado, com um pequeno jardim em volta, talvez não fosse pior.

O que importa, sobretudo, é a homenagem que se presta a quem foi factor máximo do desenvolvimento industrial de antanho.

Casa da Criança

Tem sido ultimamente muito visitada esta instituição local da Junta de Provincia da Beira Litoral e muito admirado o seu jardim pela maneira como se encontra traçado. Na verdade o jardim da Casa da Criança é por assim dizer a sala de visitas e honra a terra pela maneira como se encontra.

HOSPITAL

Muitas pessoas que nos visitam mostram desejos de ver o Hospital de S. José mas todo o estado em que se encontra, tal visita não se recomenda. Oxalá que as obras de que necessita se venham a fazer com urgência.

poderem ir para as praias ou para os campos, (bem alimentadas e vigiadas!) E são estas e outras coisas que nos levam a desejar que o estado de coisas de agora se não modifique, a não ser para melhor, a caminho daquela perfeição, para onde, segundo os filósofos, tudo tende.

VIDA MUNICIPAL

Aguas para a Gestosa— Na sessão de 7 do corrente mês, foi deliberado pedir autorização para effectuação, em regime autónomo, obras necessárias para a captação e abastecimento de águas às Gestosas. Esta obra foi comparticipada com 12.150\$.

Nova ponte— Vai haver uma ponte nova entre a Gestosa Fundeira e a Banda de Além. Optimo trabalho, para quem tiver de a utilizar. E' toda em cimento armado, o que equivale a dizer que fica para toda a vida.

Caminho—O que vai da Gestosa Fundeira ás Fontes vai ser reparado. Estão de parabens os nossos vizinhos gestosenses e fontenses, se é assim que se lhes deve chamar!

Ramal do Bolo—Vai ser reparado este ramal. Só quem o conhece é que avalia a necessidade da reparação. Como está, é uma desgraça. Mas depois de reparado, certamente será uma boa artéria a servir o interessante lugar do Bolo.

Eucaliptos— São talvez os maiores de todo o concelho. Vão ser vendidos em hasta pública e devem carregar umas boas dezenas de camionetes de madeira, lenha e rama. São os eucaliptos que ficam ao lado do ramal do Bolo.

Calçada—E' ainda na Gestosa que vai ser construída, no final da estrada que aqui liga àquela povoação.

Caiação de prédios—Se a Câmara conseguir os seus objectivos, fica-se-lhe devendo mais uma bellissima obra. E' nada mais nada menos do que a caiação de prédios nas principais ruas da vila, assunto a que já nos temos referido bastantes vezes. Só não concordamos com a palavra *principais* da própria deliberação, como aliás o dissemos já a um dignissimo funcionário municipal. Devia ser tudo de cara lavada, para ver se damos à Vila um aspecto bonito e alegre, como merece.

Mas também não discordamos da resposta que nos deram ou seja de que atrás de tempo tempo vem. Assim seja, como se diz junto do altar.

Informamos de que será dado um prazo de cinco meses para effectuar as caieções. Está bem, atendendo à carência de mão de obra para tal fim. Oxalá que os senhores proprietá-

rios cumpram as determinações o que será prova de boa educação cívica. Ajudar as Autoridades, cumprindo sem discussão as suas determinações justas é o mais valioso auxilio que se lhes pode dar.

Mas depois das principais ruas e largos, temos de ir ás outras. Então, sim, teremos Castanheira de Pera a fazer inveja ás outras terras.

Conselho Municipal—No dia 7 deste mês, reuniu o Conselho Municipal, o qual foi unânime em aprovar o plano anual da actividade e bases do orçamento para o ano económico de 1950.

Isto prova-nos que a acção da Câmara merece o aplauso de todos, o que nos aprás registar.

Presidiu ao Conselho Municipal o ex.mo sr. dr. José Bebbiano da Silva, ilustre Presidente da Câmara.

Ruas— Chegou ontem um casal à nossa Vila e a senhora logo se queria ir embora, alegando que as ruas estavam muito sujas. Vinha para passar uns dias, mas logo fez tenção de mudar para outra terra onde as ruas estivessem mais limpas. Isto não é história nenhuma. Foi assim mesmo.

Vem isto a propósito para chamarmos a atenção da Câmara no sentido de que a limpeza das ruas se efectue a partir daquelas onde obrigatoriamente têm de passar as pessoas que nos visitam. Compreendemos que o encarregado da limpeza não pode estar em toda a parte ao mesmo tempo mas orientar os serviços de modo a dar o melhor rendimento possível, é facto que se impõe.

O que aqui deixamos dito não é censura mas sim desejo de auxiliar quem governa. Honestamente expomos o que se passa e o que pensamos.

Quanto ao funcionário da limpeza, é indispensável que ele faça as horas de serviço que contratou e lhe paguam e que não utilize essas horas noutros trabalhos senão nos de limpeza e para a Entidade que a si o chamou.

N. R.— Por involuntário lapso de que nos penitenciamos, não fizemos no último número qualquer alusão à impossibilidade que tivemos de publicar esta página para a qual tínhamos o original. As nossas desculpas.

